

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjô.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão 50 — Lisboa.

16 DE JUNHO DE 1909

N.º 250

A procissão do Corpo de Deus, em Lisboa, em 1909



El-Rei o Senhor D. Manuel II e o vice-presidente da Camara Municipal de Lisboa, sr. Anselmo Braamcamp Freire, segurando ás varas do palio

Batalha de flôres na Avenida da Liberdade a favor das victimas do terramoto do Ribatejo



(Cliché de J. Benoit).

Uma cavalcada

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

As batalhas de flores. O que ellas deviam ser e não são. Applica-se ao caso uma receita de perdiz com molho de villão. A ultima batalha em beneficio das victimas dos terramotos no Ribatejo. — O tempo, como os partidos politicos, mantem-se em expectativa benevolenta. A serenidade d'estes ultimos dias e a serenidade dos espiritos. Paz octaviana. Comicios e tauromachia. — A gripe, a feira de Alcantara e as reclamações do commercio de Belem. Belenenses, feirantes e edis. Um conselho que eu daria se estivesse disposto a comprometter o meu futuro politico. — A exposição pecuaria.

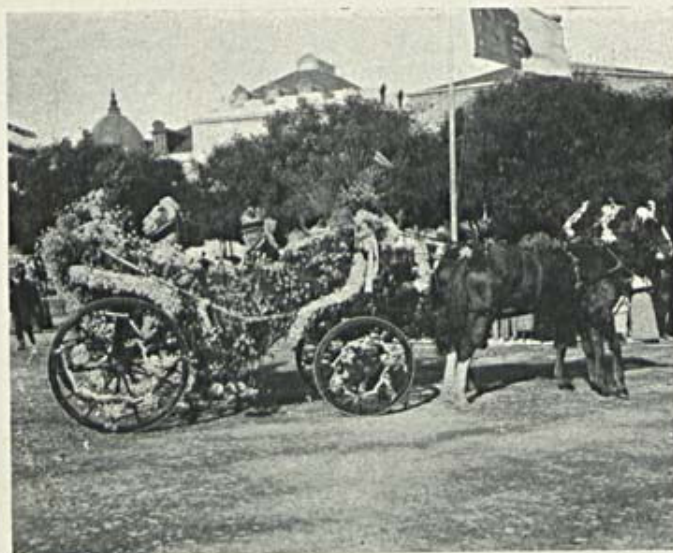
As batalhas de flores nunca foram, entre nós, festas brilhantes; muito pelo contrario ellas tem sido, a par dos enterros que sobem a rua central da Avenida da Liberdade, os espectaculos mais tristes que se tem exhibido n'essa linda arteria da cidade.

Porque? Porque, como todas as cousas adaptadas, a batalha de flores resulta sempre um aleijãozinho, uma imperfeição, carecendo d'aquelle cunho que só tem as coisas originaes, exercidas no seu meio proprio. Com esta elegante e linda diversão dá-se exactamente o que se dá com o chá. Traz-se do Oriente e planta-se e cultiva-se com os maiores cuidados, nas melhores estufas, aqui, entre nós, no Occidente. Temos chá, evidentemente; mas que chá, meu Deus! uma beberagem sem aroma, de má côr, sabendo a boticada, que só como remédio ou por patriotismo se ingere, não sem se fazer uma careta horrivel, quasi tão horrivel como a que faria um chin se se lhe encasquetasse a ideia de comer uma assorda alemtejana feita por suas proprias mãos, em Pekim.

Assim como aquelle sabio gastronomo, que dava receitas culinarias famosas, dizia que para bem fazer perdiz com molho de villão a primeira coisa de que se carece é uma perdiz, assim eu direi que para o bom exito de um espectaculo alegre se torna mister haver bastante alegria. N'este caso especial de batalhas de flores, digamol-o com franqueza, faltam-nos a perdiz e os condimentos para o molho; porque se é certo que não temos a necessaria alegria para uma festa em que tudo sorri, desde a bocca candida das rosas brancas à bocca sensual dos cravos vermelhos, desde os rostinhos gentis das damas que fazem o corso nas suas elegantes equipagens até aos carões trigueiros dos peões que aos lados assistem ao desfile sob os chapéus de sol, não é menos certo que nos falta, tambem, senão a precisa riqueza pelo menos a boa vontade de gastar, mas gastar a valer, à larga, na exhibição de equipagens ricas, faustosa e artisticamente decoradas, o senso esthetico necessario para as transformar em alguma coisa que por um momento nos prenda a attenção pela originalidade, pelo bom gosto, pela bizarria, e até a obrigação precisa para fazer uma rasia nos jardins a fim de que a batalha, pela carencia de flores, não se transforme n'um exercicio de tiro ao alvo de magalas de ambos os sexos...

A batalha que ha dias se realizou em beneficio das povoações sinistradas (como agora preciosamente se diz) pelo terramoto de 23 de

abril, foi um espectaculo talvez sem precedentes porque foi, simultaneamente, funebre e grotesco. Dir-se-ia, presencendo o desfile sôrna dos vehiculos, a passo de enterro, que quem os tripulava não era gente bem disposta para animar um espectaculo galante, mas as proprias victimas beneficiadas por elle. As physionomias dos batalhadores lembravam as caras de palmo e meio dos srs. jurados da Boa-Hora, muito massados n'uma audiencia do 2.º districto. Cada bocca franzida parecia resmungar um «ora que estopada esta!» Vendo mover os braços dos batalhadores que se permittiam a orgia de atirar uma flor, tinha-se a impressão de que esses cavalheiros soccavam valentemente alguém. E até os peões que nos talhões da Avenida assistiam à funcção, olhando pasmados para os cestinhos de verga em que cada fortaleza puxada a pilecas guardava as suas munições —



Batalha de flôres na Avenida da Liberdade

Uma carruagem ornamentada

quatro duzias de flores — pareciam dizer aos seus botões: «quer-me parecer que estes cavalheiros estão a caçoar com a tropa... apeada!»

Não estavam tal. Simplesmente, esses cavalheiros, aborreciam-se immenso a fingir de pessoas divertidas.

Ora aqui está o que foi — e não falemos mais n'isso.

O tempo quiz associar-se à obra de benemerencia dos partidos politicos perante o actual governo: mantem-se, tambem, em expe-

ctativa benevola. Nem calor excessivo nem frio de rachar. Nem chuvas copiosas nem soalheiras ardentes. Estamos gosando, como diria um sujeito que eu conheço, — um tempo de meia estação. Governo e governados não sentiram ainda a necessidade de alterar hábitos. Em nossas casas os cobertores continuam em exercício e nos seteminis-

mente. Só n'um dia houve cinco. E' claro que correndo o tempo de feição, como tem corrido, até dá gosto ouvir os tribunos republicanos ao ar livre. Sempre é melhor que vêr o sr. Macedo espetar os seus costumados ferros à meia volta — e mais barato. Mas se o calor aperta... adeus *aficcion* politica! A *aficcion* tauromachica dará um golpe mortal no civismo dos ouvintes do quintalão da Avenida D. Amelia e do salão do Largo de S. Carlos.



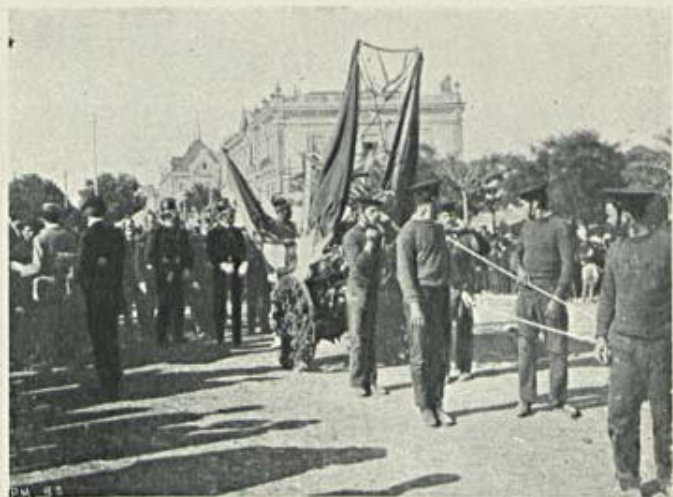
Batalha de flôres na Avenida da Liberdade
Um automovel ornamentado

terios não se pensa em substituir por outras as propostas de lei do ante-penultimo governo que, como se sabe, eram propostas de inverno. Apenas pela pasta da fazenda foi ordenada a confecção de um collete de phantasia — a nova moeda de prata, e o sr. ministro da justiça talha pachorrentamente para si e para os seus collegas umas calças... de responsabilidade ministerial muito folgadas e de alça-pão.

Sabe-se que estamos no verão porque a folhinha assim o diz e as calças brancas do exercito o confirmam.

Que sereno tempo! E o caso é que essa serenidade é communicativa. Como por encanto, apagaram-se todas as dissensões que ultimamente alteravam a paz geral com bulhas politicas, excepção feita do incidente republicano-dissidente, que é uma distracção innocentissima de meninos bonitos que aproveitam as ferias para brincar ás opposições.

Até o proprio convenio luso-transvaaliano que á falta de melhor quizeram transformar em pavoroso papão, deu o que tinha a dar. Encerrado o parlamento, os republicanos aproveitaram habilmente o caso para agitar a opinião em comícios e conferencias. Mas não se lembraram que elle se refere a certa ordem de interesses que, pela



Batalha de flôres na Avenida da Liberdade
O carro dos bombeiros de Cascaes

eu não estou tambem para perder correligionarios que espero contar de futuro, quando me tocar a vez de ser chefe politico, o que já esteve mais longe, visto como sou dos poucos que o não são e estou em idade de pensar no futuro...

Arranjem-se, pois, como puderem, e aviem-se, que os homens estão á espera da resposta.

A benemerita Associação de Agricultura que incessante e desveladamente cura dos interesses da numerosa e importantissima classe que representa, realisou n'um dos ultimos dias, no Campo Grande, o seu primeiro concurso pecuario.

Como todas as iniciativas uteis, a realisacão d'este certamen custou trabalhos e semsaborias sem conto e os resultados não foram invejaveis, pois ficaram muito áquem da louvavel expectativa dos corpos dirigentes do gremio agricola. Basta dizer que apenas dezeseite creadores se fizeram representar no certamen, concorrendo com oitenta e cinco rezes, das quaes foram classificadas quarenta e duas pela junta tecnica.

Estes concursos que se repetirão em maio de cada anno, tendem a contribuir para o rejuvenescimento das raças que melhor se possam adaptar em Portugal. No certamen do dia 6 podiam tomar parte os animaes de raça turina pura, e as rezes de raça hollandeza por um só dos progenitores. O programma do concurso, para os effeitos de classificacão, dividia-se em tres grupos: touros, vacas e crias.

Appareceram rezes magnificas, que causaram admiracão geral, pela belleza e corpulencia.

O publico concorreu ao certamen numerosamente, mas talvez as classes menos representadas fossem exactamente as interessadas: as dos industriaes pecuarios e de lacticinios. Ou não se tratasse de alguma coisa util e pratica!

CAMARA LIMA.



Batalha de flôres na Avenida da Liberdade
O carro dos bombeiros de Lisboa

sua propria natureza, estão para além da comprehensão das massas populares e d'ahi a inanidade dos esforços empregados para apaixonar a multidão, embora a questão tenha sido desvirtuada ao sabor das conveniencias partidarias.

Os comícios succedem-se por toda a parte, e ininterrompida-

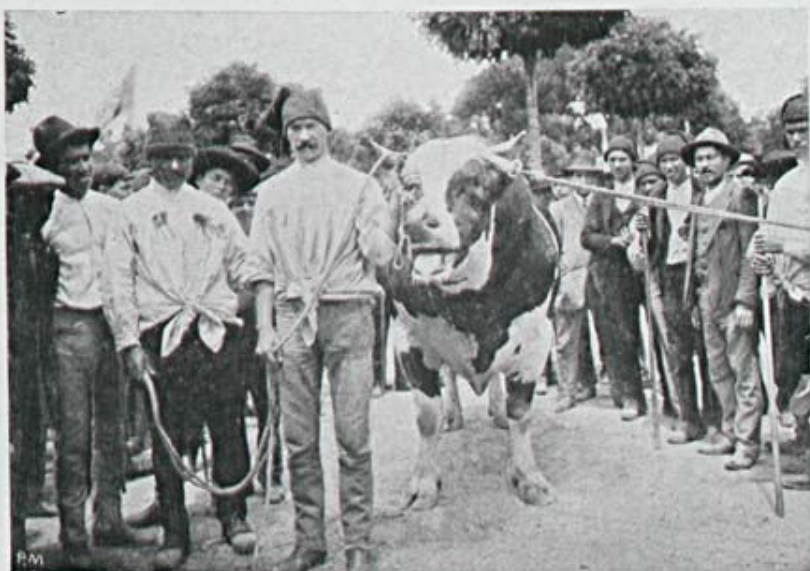
Um pastor de Agarez

O nome da sr.^a D. Maria O'Neill, de ha muito conhecido nas letras portuguezas, vae apparecer de hoje em diante nas columnas do *Brasil-Portugal*.

Firmados por esse nome, um dos mais brilhantes da nossa feminina elite intellectual, contos e artigos veem enriquecer a collaboração litteraria da nossa Revista.

E', como vêem, motivo de sobejo para felicitar-mos os nossos leitores e principalmente... as nossas leitoras.

É bella, como nenhuma outra, a paizagem transmontana. Querendo dar d'ella uma ideia ao meu querido mestre n'uma carta que lhe escrevi a primeira vez que alli fui, comparei-a ás linhas severas do rosto d'Herculano e ás bellezas incomparaveis do seu estylo. Hoje, passados tantos annos, não encontro imagem mais feliz. Durante a minha permanencia em Villa Real, era costume meu, sempre que o tempo o permittia, ir todas as tardes com meus filhos para um formosissimo soute no sitio do *Arcabuzado*, de onde se desfructava um panorama encantador e gosava uma sombra deleitosa. Ahi entretinha-me com o ultimo livro que o correio de Lisboa me trouxera, enquanto os pequenos, que desde os primeiros dias tinham construido sob o titulo de S. Thiago uma fortaleza de pedra solta, na qual tremulava um pavilhão branco, estabe-



Concurso de raça taurina no Campo Grande
Um touro do sr. Eduardo Plácido, do Casal Falcão

Concurso de raça taurina no Campo Grande



Vitellas de Alfredo Baptista

— O que eu dava para ver o mar!... E' muito lindo, pois não é?
— E'. Aquella seára além, quando o vento a agita, pôde dar-te uma ideia d'elle.

— Conte lá como é o mar e como são os barcos...

A minha Maria sabe, porque foi ao Porto acompanhar o homem quando elle partiu para o Brasil... Nunca mais voltou nem escreveu, d'ahi... não quer que lhe fallem n'essas terras.

Descrevi-lhe, como pude e soube, os navios, o Tejo e o mar. Elle ouvia deslumbrado e, quando chamei as creanças para me retirar, acompanhou-nos até á orla do soute.

No dia seguinte, como lhe havia promettido, levei para elle vêr algumas photographias de Lisboa e do Tejo. O pequeno, com os olhos ávidos e as faces coradas de prazer, entendia agora melhor quanto na vespera lhe explicára. N'um arrebatamento da sua phantasia infantil disse-me commovido:

— Se um dia arranjar dinheiro para o vapor fujo para Lisboa. Vou vêr os barcos.

Mostrei-lhe a loucura d'esse pensamento; e todos os dias continuei divertindo-me, descrevendo ao pastorzinho as cousas mais elementares, que elle desconhecia, mas comprehendia com rapidez assombrosa. Uma tarde, ao chegar ao soute, notei que o meu perguntador estava um pouco embaraçado. Offereceu-me, como de costume, um ramo de flores silvestres, já de antemão colhido para mim, e depois indo ao alforge que deixara encostado ao pé d'uma arvore, voltou trazendo dentro do carapuço tres maças enormes e formosissimas. Pondo-m'as ao lado, sobre a pedra musgosa em que eu estava sentada, murmurou, corando muito:

— São para si.

— Muito obrigada, mas não quero. Isto natural-

leciam sentinelas, davam ordens e cumpriam-nas enlevados no seu supposto serviço militar, e tanto elle os captivava que eu chegava a esquecer que os tinha junto de mim. Um dia, já a fortaleza estava edificada ha muito, appareceu alli um pastorzinho com um rebanho. Depois de levar a mão ao carapuço cumprimentando-me com o tradicional — Salve-a Deus — perguntou-me com mal encoberba curiosidade:

— A senhora é cá da terra?

— Não, não sou.

— Lá me queria parecer...

— Sim? então porquê?

— Porque as senhoras de cá não vêem assim todos os dias para o campo.

— E quem te disse que eu vinha todos os dias?

— Tenho-a visto passar d'aquelle cabeça além... E' do Porto?

— Não, sou de Lisboa.

— De Lisboa?! indagou com um mixto de sobresalto e admiração.

Depois com o olhar scintillante continuou:

— Então a senhora já viu o mar?

— Já.

— Os barcos e os vapores que vão ao Brasil, também viu?

— Também.

Quedou-se um momento silencioso, olhando para mim quasi com pásmo, baixou os olhos ao chão, coçou a cabeça, e n'um tom suave e triste de quem não espera realizar nunca uma viva ambição, murmurou:



Concurso de raça taurina no Campo Grande
O jury de admissão examinando um dos animais

(Clichs de J. Benoliel).



(Cliché de J. Benjeli.)

Concurso de raça taurina no Campo Grande. — Alguns dos melhores exemplares

mente era a tua merenda, e tu privas-te d'ella para m'a offerecer. Não acceito.

E, como elle insistisse, tirei um tostão da bolsa e estendi-lh'o. Qual não foi o meu espanto quando o pequeno, desencostando-se do cajado e apurando-se ruborizado com as lagrimas a bailarem-lhe nos olhos, me disse n'um tom sentidissimo.

— Eu fui apanhar-as para si. . . não lh'as quiz vender... fazia gosto n'isso . . . Se não quer deixe-as ficar; mas eu dinheiro não recebo.

Respondi-lhe que não queria offendê-lo e me penhorava com a sua lembrança. Não lhe dava o tostão para lhe pagar mas, da mesma forma que a meus filhos, para que comprasse alguma cousa em que tivesse mira. Elle fitou em mim os seus grandes olhos pretos, não convencidos, mas agradecidos e humidos e exclamou commovido:

— Bem haja.

Fiquei com as maçãs e com o dinheiro.

Comecei pouco depois a ensinar-lhe a lêr, mas tive de regressar a Lisboa antes d'elle saber soletrar.

No dia em que lhe disse que partia não chorou, mas muito impressionado, acompanhou-me até à bérma da estrada e disse-me tristemente:

— Nunca saberei lêr.

Quiz consolal-o, mas elle, mostrando-me por um gesto que era inutil, ajuntou:

— Quando entrar na sorte, se ficar soldado, vou para a Africa. Só assim verei o mar.

Era todo o seu desejo.

Na curva da estrada voltei-me e acenei-lhe com o lenço; elle agitou o carapuço negro...

Nunca mais o vi, mas a figura gentil do pequeno e o seu ar cavalheiresco acodem-me muita vez ao espirito, deixando n'elle uma vaga saudade.

Esquecer-me-hia o pastorzinho?

Sinto que não.

MARIA O'NEILL.

Um sujeito estava voltado para a parede do theatro de D. Maria, em noite de beneficio. Chega um contractador:

— Quer cadeira?

— Não, obrigado, este serviço faço-o bem de pé.

De quando data o chapéu alto

O chapéu de copa, ou chapéu alto, como entre nós vulgarmente se lhe chama, é mais antigo do que geralmente se julga.

Fez a sua appareição no mundo, no seculo xv, como se pôde vêr nos retratos de Van Dyck e posteriormente nos de Rembrandt. A Carlos VII, de França, representam-no no momento de fazer a sua entrada em Ruão, levando um chapéu de copa, e nos retratos mais conhecidos de Filipe II observa-se um chapéu que, na realidade, é de copa; no seculo passado vimol-o muito parecido e com a aba quasi tão recolhida. Gosou de grande favor no seculo xvi entre os cavalleiros.

E' verdade que só se trata da forma, pois o material era diverso. Em vez de os fazer de seda, fabricavam-os de feltro; houve-os, com-tudo, de felpa e de velludo.

Cahiú depois em desuso e não tornou a apparecer até aos primeiros annos da revolução franceza: foi de 1790 a 1792 o chapéu dos elegante francezes.

Então, adoptaram-no até as mulheres, e apesar da fealdade da sua forma, ficava-lhes muito bem.

Tardou bastante em transpôr as fronteiras francezas, como prova o facto de um inglez que, em 1797, passeando pelas ruas de Londres levando posto um chapéu de copa, provocou verdadeiro tumulto por parte das pessoas que extranhavam a raridade d'aquelle artigo. Todavia, dentro em pouco, fez furor em toda a Europa, e todos se podem lembrar que o retrato mais celebre de Goya representa o grande pintor com a cabeça coberta com um chapéu de copa.

Variou muito de forma, como lhe succede agora: parecia umas vezes verdadeiro trabuco, com o alto da copa sumamente alargado (1800); parecia-se outras com um covilhete posto de bocca para baixo (1830), como o que usam os cocheiros de Biarritz e de Bayona; alcançou alturas exageradissimas e logo baixou até converter-se quasi n'um chapéu baixo; teve umas vezes abas largissimas e então chamou-se *bolivret*, porque parecia um chapéu americano e tomou o seu nome do celebre revolucionario Bolivar.

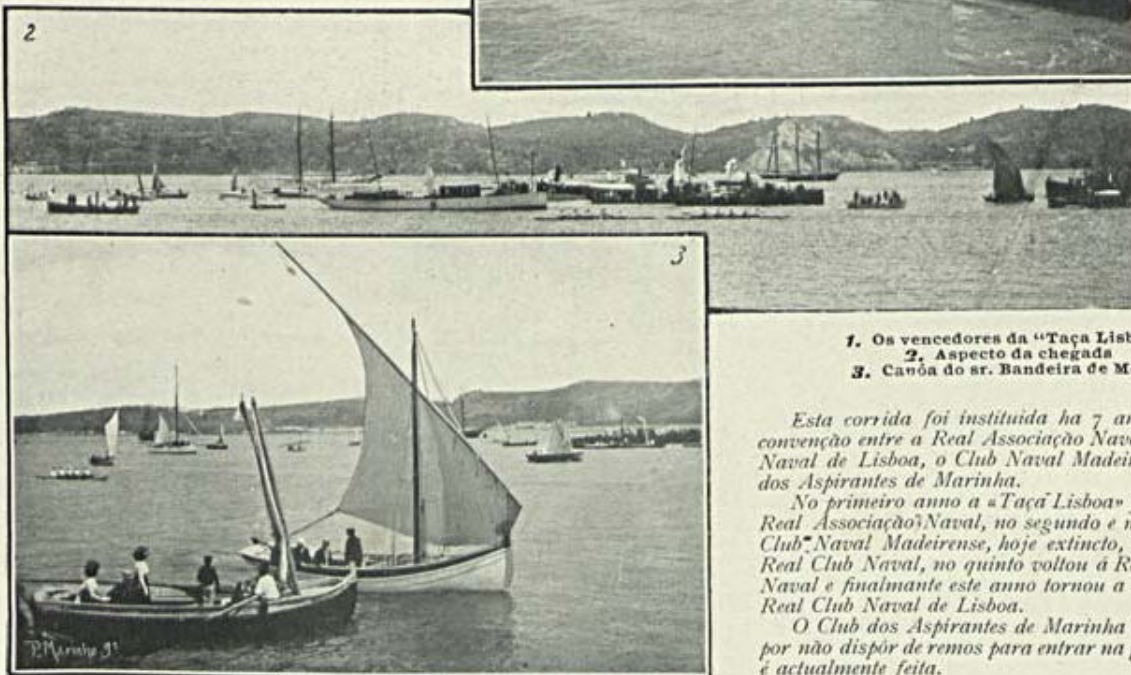
O actual chapéu alto, feito de seda pegada sobre uma armadura lisa e ligeira composta de téla collada, data de 1830. Desde então, tem variado de forma muitas vezes, porém nunca de fabrico.

Notas de "sport,,

REGATA

DA

"Taça Lisboa"



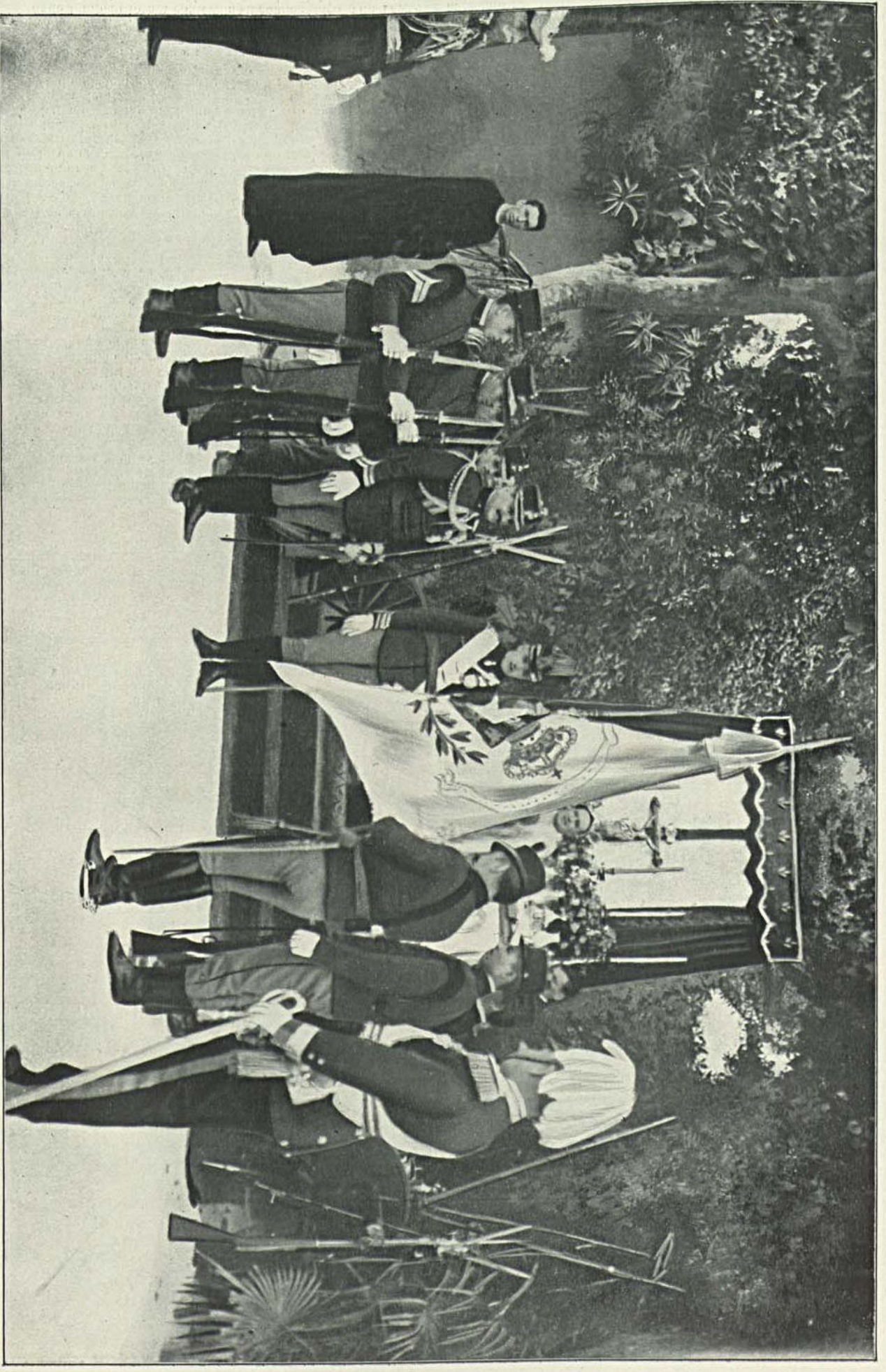
1. Os vencedores da "Taça Lisboa"
2. Aspecto da chegada
3. Canôa do sr. Bandeira de Mello

Esta corrida foi instituida ha 7 annos por uma convenção entre a Real Associação Naval, o Real Club Naval de Lisboa, o Club Naval Madeirense e o Club dos Aspirantes de Marinha.

No primeiro anno a "Taça Lisboa" foi ganha pelo Real Associação Naval, no segundo e no terceiro pelo Club Naval Madeirense, hoje extincto, no quarto pelo Real Club Naval, no quinto voltou á Real Associação Naval e finalmente este anno tornou a ser ganha pelo Real Club Naval de Lisboa.

O Club dos Aspirantes de Marinha não concorreu por não dispôr de remos para entrar na prova tal como é actualmente feita.

No Castello de S. Jorge



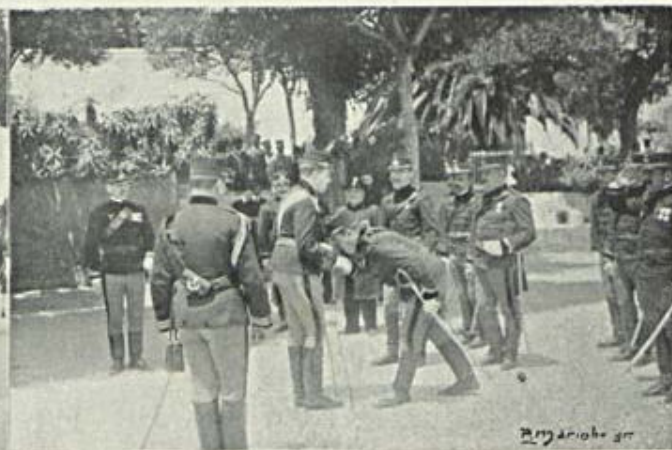
Festa militar no regimento de caçadores n.º 5.—A cerimonia da benção da nova bandeira

No CASTELLO DE S. JORGE. — Festa militar no regimento de caçadores n.º 5



El-Rei e os officiaes, de joelhos, na occasião de levantar a Deus

(Officila de J. Benollet).



El-Rei despedindo-se da officialidade

No Castello de S. Jorge

Uma festa no regimento de caçadores n.º 5 A historia do regimento

O dia 8 do corrente foi de festa para o regimento de caçadores n.º 5 ha muito aquartelado no antigo castello de S. Jorge.

Houve missa campal, benção da nova bandeira e ratificação de juramento, assistindo El-Rei e o senhor Infante D. Alfonso a todos estes actos e almoçando no quartel com a officialidade.

Alem da solemnidade patriótica da festa ella teve tambem outro aspecto, igualmente bello, que foi o constituir uma manifestação de lealdade e de carinho para com o jovem monarcha.

As seguintes notas ácerca do regimento de caçadores n.º 5 teem, pois, a maior actualidade:

O decreto de 14 de outubro de 1808 creou o antigo batalhão de caçadores n.º 5, que se organisou em Campo Maior.

Durante as campanhas da guerra peninsular, este batalhão entrou nas seguintes batalhas e acções:

Combate da ponte d'Alcantara, batalha de Talavera, combates de Valverde e do Porto, em 1809; batalha do Bussaco, em 1810; sitio da praça de Badajoz; batalha de Albuera e combate de Alfiates, em 1811; batalha de Salamanca, combate de Valladolid, sitio de castello de Burgos, e combate de Carrión, em 1812; batalha de Victoria, combate de Villa Franca de Lascano, sitio da praça de S. Sebastian, combate e passagem do Bidassoa, batalhas do Nivelles e de Nive, em 1813; reconhecimento das trincheiras do sul do Adour, e sitio da praça de Bayona, em 1814.

Em 1820 o batalhão de caçadores 5 adheriu ao movimento do Porto, e em 1823 travou em Amarante um vivo combate, em que ficaram vencedoras as tropas liberaes, o que lhe grangeou tal odio no partido absolutista, que o governo de D. João VI transferiu o batalhão para os Açores, indo guarnecer o castello de S. João Baptista, na ilha Terceira.

O governador, capitão-tenente das ilhas dos Açores, promovendo, em 1828 a aclamação de D. Miguel, ordenou que o batalhão de caçadores 5 ficasse detido no seu quartel, mas o commandante interino do batalhão, o capitão Quintino Dias, não se conformando com tal ordem, resolveu manter os direitos de D. Pedro, mandando prender o governador e outros officiaes, e fazendo reunir na casa da camara o clero, nobreza e povo e, com o apoio do seu batalhão, aclamou com enthusiasmo rei legitimo D. Pedro IV.

O batalhão de caçadores 5, fazendo parte do exercito liberal, tomou parte nas seguintes batalhas e combates: combate do Pico do Cellerio, em 1828, batalha da Villa da Praia, em 1829; acção da Ladeira da Velha, na ilha de S. Miguel, em 1831; reconhecimento de Vallongo, batalha de Ponte Ferreira, onde lhe foram concedidas 10 condecorações da Ordem da Torre e Espada; reconhecimento de Souto Redondo, sortida de Aguardente, defeza das linhas do Porto, sorridas de Quebrantões, Furada e estrada de Vallongo e Captivo, e surpresa de Massarelos, em 1832, tomada e retomada das Antas e ataque do Pinhal da Luz, tomada do Covello, ataque do Lordello e Campinhã, onde tambem foram conferidas 2 condecorações da Torre e Espada para a 3.ª e 5.ª companhias; defeza das linhas do Porto e derrota do marechal Bourmont, sendo-lhe tambem concedidas mais

2 condecorações da mesma ordem; batalha fóra das linhas do Porto, ataque sobre as linhas de Lisboa, onde obteve 24 condecorações da Torre e Espada, e ataque e tomada de Obidos em 1833; combate e occupação de Leiria e batalha de Almoester, onde foram concedidas mais 2 condecorações da mesma ordem, em 1834.

Foi tal o denodo com que o batalhão de caçadores 5 se houve nas campanhas da liberdade que lhe foi permitido usar na sua bandeira a fita da Torre e Espada enquanto permanecesse no batalhão um só individuo dos que assistiram ao reconhecimento de Vallongo e D. Pedro reservou para si a farda e o posto de coronel d'este batalhão com que muitas vezes se apresentava em dias de combate.

Em 1846 e 1847, adheriu ao partido da Junta que se creou em Faro, seguindo a causa popular contra o governo de Lisboa; entrou na acção de Vianna do Alemtejo e em Torres Vedras, ficando prisioneiro com a divisão do conde de Bomfim.

Extincto este batalhão, por ter seguido o da Junta, foi creado em seguida no Algarve um outro com o mesmo numero, destacando para Siguel de 1817 a 1818, e, regressando ao continente, marchou para Leiria, onde se conservou até 1851.

N'este anno, pronunciou-se a favor do duque de Saldanha, marchando para a villa da Batalha; retrocedeu para Leiria, seguiu para Coimbra, Villa Chã, Vouzella e Castro Daire, voltou para Vizeu e continuando a marcha até Ceia, ali fez junção com outros corpos, seguindo todos para Gouveia, e depois para o Porto, acompanhando por mar até Lisboa o duque de Saldanha e aquartelando-se no castello de S. Jorge.

Por decreto de 31 de outubro de 1882 foi este corpo denominado batalhão n.º 5 de caçadores d'el-rei e em 1884 passou a denominar-se regimento n.º 5 de caçadores d'el-rei.

A bandeira que em 1832 possuia este batalhão foi bordada pela rainha D. Maria II e entregue pelo duque de Bragança antes de sahir a expedição do exercito libertador das ilhas dos Açores; queimou-se no incendio do convento de S. Francisco, no Porto, onde o batalhão estava aquartelado.

Depois, teve outra bandeira, sendo o azul da côr da fita da Torre e Espada, tendo no fim do escudo, pendurada por um laço, uma cornetta de seda verde, com a legenda: «Caçadores n.º 5», e pela parte superior do escudo a legenda: «Em nós possue a patria», e por baixo: «De lealdade o mais illustre exemplo».

Esta bandeira ficou prisioneira com o seu regimento em 1846, em Vianna do Alemtejo, e existe no Museu do Arsenal do Exercito, assim como a que lhe foi dada em 1847, que tinha apenas a legenda: «Caçadores n.º 5».

Por carta régia de 5 de abril de 1829 foi concedido ao batalhão de caçadores 5, como demonstração dos relevantes serviços por elle prestados á causa da liberdade e pela forma distincta como se houvera, que usasse na sua bandeira, como um padrão de gloria, a seguinte divisa:

«Em vós possue a patria, em vós contemplo
Da lealdade, o mais illustre exemplo.»

Injustificadamente, porém, deixou nos ultimos annos aquelle batalhão de usar na sua bandeira esta legenda; mas na ordem do exercito, publicada em 30 de maio de 1908, se preceitua que novamente seja escripta na sua bandeira a referida divisa, em letras de ouro, devendo o primeiro verso ficar em volta e pela parte superior das armas reaes e o segundo pela parte inferior, circundando as mesmas.

Não podemos tambem furtar-nos ao desejo de publicar os seguintes versos feitos pelo sr. capitão Carvalho e para os quaes compoz musica o maestro Braz de caçadores n.º 5.

Este cantico militar foi executado pelas praças acompanhadas da respectiva banda, tendo El-Rei pedido a sua repetição:

Voz

Debaixo da nossa farda
bate um rude coração,
mas tem affectos em barda
pelo Rei, pela Nação!

Pelo Rei que é Commandante
Supremo de todos nós,
pela Nação, terra amante,
patria de nossos avós!

Côro

Rei e Patria, phrase qu'rida
que nos sae quente da bocca!
Pelo Rei damos a vida,
Pela patria estremecida
Nossa coragem é louca!

Voz

E' seu symbolo a Bandeira
que se hastea altiva e bella!
Nossa amada companheira,
feliz quem morre por ella!

Jórre o sangue em borbotão
na mais cruenta batalha,
sendo a Bandeira a mortalha
morre alegre o coração!

Côro

Bandeira, symbolo santo
da patria, da nossa terra!
E' nosso amor, nosso encanto,
quando desfralda o seu manto
seja na paz ou na guerra!



Dr. Affonso Penna

Surprehendeu-nos á ultima hora a morte do honrado presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil, o dr. Affonso Penna. Limitando-nos portanto a publicar hoje o seu retrato e o do dr. Nilo Peçanha que desde logo assumiu a presidencia da Republica, reserramo-nos para no numero immediato prestar a homenagem devida á memoria do grande cidadão brasileiro, que foi uma das glorias da sua patria e um devotado amigo de Portugal.



Dr. Nilo Peçanha

Actual Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil

Do illustre estadista que acaba de assumir a presidencia da Republica, da sua larga e honrosa biographia politica e das ideias pacificas e patrioticas com que inciou o exercicio da sua alta magistratura, occupar-se ha tambem no numero immediato o Brasil-Portugal.

O arcebispo de Westminster em Lisboa



(Cliché de J. Benoit).

Na "gare" do Rocio



O arcebispo e o superior Singleton entrando nos Inglezinhos

Bando precatório da academia de Lisboa em favor das escolas de Benavente



O cortejo sahindo da Escola Polytechnica

Politica internacional

Ocupámo-nos na anterior revista da situação interna da Hespanha e da França e vimos como, em cada uma d'estas nações, graves problemas se debatiam, e inquietadores symptomas se manifestavam quanto ao futuro — na Hespanha a questão catalã, apenas momentaneamente adormecida e a questão republicana, que começa a surgir de novo; em França a questão internacional, sempre perigosa e incerta, a questão de Marrocos longe de estar resolvida, e a questão syndicalista cada vez mais agravada, constituindo serio perigo para a republica.

Passando á Allemanha, não é a situação alli, tanto interna como externa, mais lisonjeira. Na politica externa e não obstante a recente victoria alcançada na regularisação da crise balkanica, talvez mesmo por causa d'essa victoria, a situação continúa embaraçosa e os horizontes carregados. Do lado da Italia, muito embora a Triplice alliança pareça n'este momento remocada, a desaffeição a este pacto internacional continúa accentuando-se. A maioria dos dirigentes é-lhe favoravel por ora, não ha duvida; mas a nação repelle-o cada vez com maior energia, como agora mesmo aconteceu, por occasião das ultimas eleições, e a continuarem as cousas por este modo, não tardará que a politica italiana, e como reflexo a Triplice alliança, tenham de soffrer profunda modificação. Até já os proprios dirigentes começam contra ella a insurgir-se. Hontem era Fortis no parlamento. Hoje é Marcora, presidente da camara dos deputados, nomeado ha pouco cavalleiro da Annunciada pelo rei, que com um discurso patriótico contra a Austria está fazendo escandalo nos circulos officiaes de Roma e Vienna.

A Austria com as mais singulares intransigencias está, ao que parece, apostada em tornar cada dia mais melindrosas as relações entre as duas alliadas. Não contente com haver recusado a creação de uma universidade italiana em Trieste, nega-se agora, salientando-se por esta recusa entre todas as nações, a tomar parte official na exposição que se inaugurará em Roma para solemnizar a unificação da Italia.

Como pôde n'estes termos a Allemanha contar por muito tempo com a adhesão da Italia á Triplice alliança? Terá de se contentar com a alliança austriaca. Mas mesmo a respeito d'esta só com certas restricções. A Austria-Hungria não é como a Allemanha um paiz homoganeo e com unidade de aspirações nacionaes e politicas. Ha alli umas poucas de raças e diferentes nacionalidades. Se algumas são favoraveis á continuação da alliança com os Hohenzollern, outras ha que a esta alliança são profundamente hostis, por exemplo os tchecos e os húngaros, sem contar com os demais slavs do imperio. O que amanhã succederá na monarchia bipartida, quando desaparecer o imperador Francisco José e tomar o seu lugar o archiduque Francisco Fernando, ninguem o pôde saber; mas não será de molde, podemos affirmar-o, a satisfazer o imperialismo allemão. N'estes termos, com a perda da quasi-alliança turca pela victoria do regimen constitucional em Constantinopla, a situação internacional da Allemanha, apesar dos seus triumphos de momento, está longe de ser desafogada, sobretudo em frente da rivalidade ingleza que a toda a hora se vae tornando mais ameaçadora e adquirindo caracter de incompatibilidade mais irreductivel.

Mas se os horizontes da politica externa da Allema-

nha estão, como acabamos de vêr, carregados de nuvens, não estão mais claros os da politica interior do imperio.

Duas questões n'este momento complicam a politica allemã — uma politica e uma financeira. Qualquer d'ellas é actualmente insolvel e d'ahi o nervozismo que produzem no espirito publico. Politicamente a Allemanha procura uma forma de equilibrio estavel, que seja ao mesmo tempo compativel com as novas aspirações nacionaes. As velhas fórmulas estão gastas, e o prestigio pessoal do imperador que era o unico apoio, com que contavam, desapareceu em grande parte depois dos acontecimentos relacionados com a celebre entrevista do *Daily Telegraph*. O principe de Bülów, sceptico equilibrista sem convicções politicas de especie alguma, julgou poder encontrar a necessaria estabilidade governamental para o Imperio no afamado bloco, constituído por conservadores e liberaes, que sob a sua influencia directa se formou depois da ultima dissolução do Reichstag, com o fim unico de lutar contra a influencia do centro catholico e dos socialistas. Este connubio hybrid, porém, que tão grande escandalo provocou nos circulos verdadeiramente liberaes, acaba de se desfazer, e no momento actual para encontrar-se uma maioria qualquer governavel, e que possa dar apoio efficaz ao governo, será mister que ou o parlamento seja dissolvido ou o chanceller se demitta. Ha ainda uma terceira solução, mas essa cremol-a impossivel apesar do feito accomodaticio do principe de Bülów — seria a formação de uma nova maioria com um bloco constituído pelos diferentes grupos conservadores e pelo centro catholico, deixando na opposição os liberaes dos diversos matizes e os socialistas. Esta solução, porém, encontra duas serias difficuldades: é a primeira a cathorica declaração do chanceller que preferiria demittir-se a passar pelas forcas caudinas de uma reconciliação com o centro, que este de resto só accetaria a troco de humilhantes e duras condições impostas ao seu adversario vencido; a segunda está na propria constituição interna do centro catholico, onde abundam os elementos democraticos e até de estreita affinidade com os socialistas. De modo que esta terceira solução, que apresentámos, affigura-se-nos apenas possivel mas nada provavel, muito inverosimil até. Restam as duas outras soluções — demissão do chanceller ou dissolução do Reichstag. Qualquer d'ellas tem perigos e mais de uma difficuldade.

O principe de Bülów, apesar de todos os seus defeitos, mas com algumas grandes qualidades indubitavelmente, não é muito facil de se substituir, e a Allemanha não está tão rica de estadistas que tenha facilidade em lhe dar um successor. Além d'isso onde encontrará Guilherme II um novo Bernardo, tão ductil e tão submisso, tão obediente e tão pressuroso, quando se trata de cumprir as ordens ou de defender alguma *gaffe* do seu altaneiro amo, como o principe de Bülów? Porque é necessario não esquecer que na Allemanha o chanceller tem quasi exclusivamente que dar contas dos seus actos ao imperador, que livremente o nomeia e que pode conservar o mesmo contra a vontade unanime do parlamento. N'estes termos sendo o chanceller indispensavel ao imperador a sua substituição é difficil por agora. Mas por outro lado a dissolução do Reichstag — a outra ponta do dilemma — é perigosa e pôde ter como consequencia complicar ainda mais a situação. A plataforma favoravel ao governo, com que da outra vez se fizeram as eleições e se derrotaram os socialistas, não existe d'esta vez. Pelo contrario, as condições da hora presente só podem favorecer a democracia social. O governo, com effeito, vae apresentar-se aos eleitores, quando ainda se não amoretceu de todo o echo do escandalo da entrevista do *Daily Telegraph*.



Bando precatório da academia de Lisboa em favor das escolas de Benavente

(Cichê de J. Benulle).

A banda do Collegio de Campolide

empenho em dar oportunidade ao realce dos meritos alheios. A sua vasta imaginação de fina conversadora, servida por uma lucida intelligencia e variada illustração, passava de assumpto para assumpto, sem transições bruscas, sabendo ligar por, um fio subtil de deducção, os themas mais diversos e desconnexos. Possuía em elevado grau o rarissimo condão da arte de conversar, essa varinha mágica que torna interessantes os casos mais futeis, que accende enthusiasmos nas questões mais frias, e que, fazendo passar horas esquecidamente, constitue um dos mais suaves prazeres intellectuaes da existencia. Esse dom excepcional, que foi o primacial requisito dos celebrados salões francezes do seculo XVIII, conservou-o a senhora D. Anna Braga até ao dia em que a doença a prostrou na antecâmara da morte, mantendo-se-lhe ao mesmo tempo o enthusiasmo pelas festas que offerecia, e em que os seus olhos leaes traduziam tanto maior contentamento intimo quanto era grande a satisfação que via nos seus convidados.

Ultimamente pensava n'uma festa a que os francezes chamam *soirée blanche*. E ainda alguns dias antes de fallecer, já prostrada no leito, a sua imaginação comprazia-se em antever os effeitos brilhantes d'essa festa.

Os seus setenta e seis annos, não lhe haviam quebrantado aquella persistente energia. E — contraste singular! — ao passo que assim mantinha a animação quasi juvenil pelas festas mundanas, ao seu espirito não repugnava a idea da morte, antes a acolhia com resignada indifferença, senão com inefavel sympathia.

Comprehendia que a sua existencia não podia prolongar-se muito e temia que as energias phisicas desfallscessem antes de se apagar na sua alma a divina chamma do enthusiasmo. Encarava a morte com a resignação de quem não teme ter de dar contas severas — ella que era religiosa — dos actos praticados cá na terra.

Espirito methodico e são, tinha em regra e em dia os seus papeis e a sua consciencia. Administrava a sua casa com um escrupulo incompativel com a sombra d'um crédor, e dirigia a sua consciencia com uma bondade incompativel com o terror de uma condemnação.

Praticou muitas obras de misericórdia, auxiliou muita gente, matou muitas fomes. Comprehendia, com uma grande clareza intellectual, as virtudes da instrução, e para ellas dirigiu uma grande parte da sua vontade e da sua fé. O seu testamento é a coroação da sua obra, destinando a sua fortuna á creação de uma escola de professoras. Quiz continuar assim, no indefinido prolongamento da sua ausencia, a missão benemerita que desempenhou na vida.

A sua morte enche de melancolica saudade aquelles que durante longos annos frequentaram a sua casa e se honraram na convivencia do seu espirito. A sua figura aristocratica e idealisadora era um centro em torno do qual se agrupavam antigas e verdadeiras amizades. Entrar n'aquella casa, era como que experimentar a revivescencia de outros tempos; era sentir, pela evocação emocional do scenario, recompor-se-nos a florente evocação que os annos foram desfolhando, e cujas petalas, em grande parte, como que ficaram a resequeir sobre aquellas alcantifas.

Castellar, chorando a morte de um grande amigo seu, referiu-se á dôr de morrermos mil vezes nas pessoas queridas. Morremos, na



D. Anna de Alincourt Braga e Quadros

(Retrato tirado ha 40 annos)

verdade. Uma pessoa amiga que desaparece leva consigo, da nossa propria alma, o pedaço que lhe correspondia. E' como se o nosso coração, dividido em fragmentos de affectos, se fosse reduzindo, successivamente, a cada coração dedicado que deixa de bater por nós. O que nos fica depois, ao cabo de uma longa jornada pelo mundo, já não é aquella fonte exuberante de affeições, aquelle pendulo marcando as vibrações do ideal e do amor, mas sim uma simples, uma anatomica viscera, espavorida entre as ruínas das illusões e conflagrada deante d'esse arido horizonte do caminho percorrido, onde se divisam tantos sulcos de lagrimas e cruces funerarias.

Quando ha dias percorri aquella casa, d'onde acabava de sahir a urna, contendo o corpo inanimado da saudosissima e veneranda amiga

que perdi, ao meu pensamento acudiram aquelles versos de Luiz Guimarães, na visita á casa paterna:

Chorava uma illusão em cada canto,
Gemia em cada canto uma saudade!

D. ALBERTO BRAMÃO.



Dr. Elmano da Cunha

† a 9 de junho de 1909

Em Aveiro, terra da sua naturalidade, succumbiu a uma sciirrhose no fígado o dr. Elmano da Cunha, pai do dr. Cunha e Costa, advogado, vereador e jornalista.

Eram tambem filhos do finado a sr.^a D. Margarida da Cunha e Costa, esposa do conselheiro Marques Mano, director geral de instrução primaria, e o medico em Aldegalga dr. João Ecangelista Soares da Cunha e Costa.

O dr. Elmano da Cunha, que morreu com 71 annos, foi na sociedade de Lisboa uma figura de notavel relevo.

Intelligentissimo, fzeira na Universidade um curso brilhante, obtendo premio todos os annos na faculdade de direito, em que se formou, em 1867, tendo por condiscipulos entre outros o dr. Penha e Costa e o dr. Manuel d'Arriaga, o conhecido advogado republicano.

Militou na politica regeneradora, foi deputado, mas nunca passou de ditetante. A conversação e a musica eram a sua força, a sua distração, a razão, por assim dizer, da sua existencia. Era um conversador adoravel, um violoncelista de primo cartello. Nas execuções musicas, em que tanto se aprazia no Paço da Ajuda o rei D. Luiz, era seu companheiro predilecto o dr. Elmano da Cunha.

O seu violoncello, um velho guaranus que elle recebera do conde da Vidigueira, em troca de importantes serviços juridicos que lhe prestara, legou-o a um dos netos. Era a unica coisa que podia legar.

Foi um dos adrogados mais illustres no foro lisbonense. A clareza, a nitidez, a facilidade de rapidamente assimilar eram a caracteristica do seu espirito. D'essas preciosas faculdades deiza em seu filho, dr. Cunha e Costa, um alto e authentico representante. Graças a recommendação sollicita do rei D. Luiz para com o seu ministro Barjona de Freitas, o dr. Elmano da Cunha obteve o lugar de contador da 1.^a vara de Lisboa. Deixou-o ha 12 annos e renunciou desde então ao que para elle até ahi constituia a existencia. O admiravel cataquador, o juriconsulto, o gentleman, o homem fino de sociedade, o talento brilhante que a tudo se adaptava e tudo conseguia sem esforço, o caracter independente e indomavel que nunca acceitara uma condecoração e se impunha por uma rara bravura pessoal, transformou-se de subito em misanthropo. Tudo deixou o dr. Elmano da Cunha para ir metter-se em Aveiro, d'onde nunca mais sahio.

Encafiou-se, diz um seu biographo, na Esqueira, em Aveiro, passando os dias e ás vezes as noites ou no rio ou a bordo de um elegante cutter ou, cultivando as mais lindas rosas d'Aveiro — tinha tambem a paixão do mar e das flores — ou lendo os auctores modernos, pois acompanhava, apesar do seu retrahimento, a evolução intellectual, ou tocando musicas classicas no violoncello querido, rodeado de pescadores, de camponeses e de crianças, com quem se entendia muito bem Quem o visse, trazendo como um camponio, queimado do sol, não reconheceria o antigo elegante, desempenado, trazendo á moda, com lindas gravatas, flor na bolociera, o bigode e a pera lustrosos, a cabelleira, á 1830, cuidadosamente tratada.

Mas em vislumbando na pessoa que se lhe avertasse um homem bem educado, um intellectual, ou uma senhora fina, bem educada, reaparecia logo o gentleman, o conversador, o erudito. Tinha mesmo grande admiração por muitos dos homens modernos, cujo elogio fazia, e ainda, antes de cahir doente, dissera a um dos filhos, rematando uma conversa n'esse sentido:

— Nós fomos injustos, com vós. A tua geração vale mais do que se pensa.

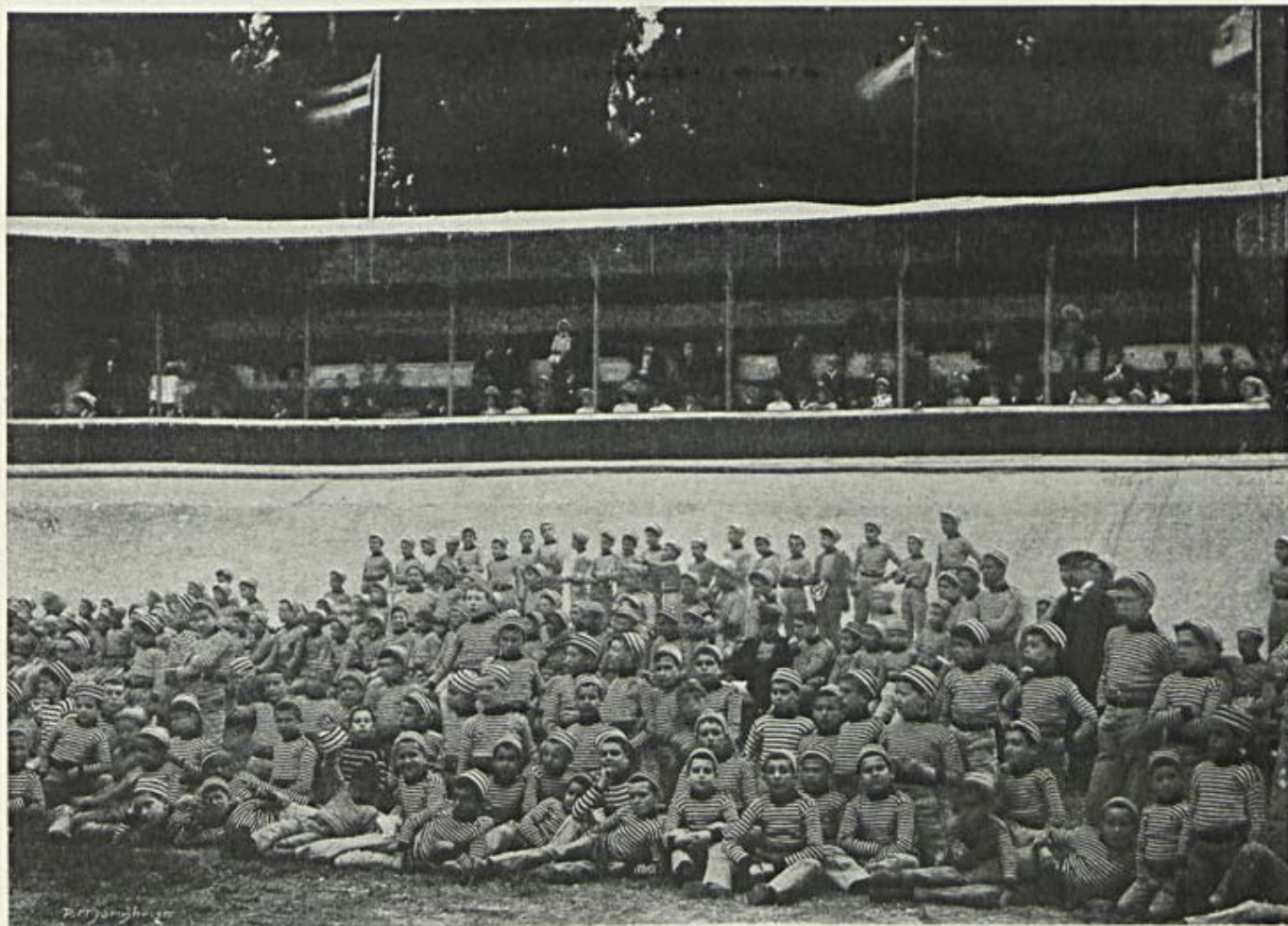
Adorava os filhos e apreciava-lhes os talentos, dizendo-lhes muitas vezes:

— Morro bem! Vocês herdaram-me os miolos!

O dr. Elmano da Cunha não deixa fortuna mas tambem não deixa dicidas.

Os seus despojos mortaes foram sepultados no cemiterio d'Aveiro, aonde os acompanharam todos os filhos, as pessoas mais gradas da cidade, e os humildes aos quaes elle consagrou por assim dizer os ultimos annos da sua vida.

NO VELODROMO DE PALHAVÁ. — Festa da Escola Academica a favor das victimas do terramoto do Ribatejo



Um grupo de alumnos

A historia da borracha

Quando os hespanhoes chegaram ao Novo Mundo, viram com curiosidade que os indigenas se serviam, em seus jogos e folguedos, de bolas saltadoras fabricadas com uma resina negra que elles chamavam «gumana», e que nada mais era que a seiva solidificada de certas arvores. Esta substancia lhes pareceu sem duvida curiosa, pois que desde logo assignalaram a sua existencia, mas, em todo o caso, a impressão não foi duravel; pelo menos, nenhuma tentativa fizeram para d'ella tirar qualquer proveito commercial. Són.te nos ultimos annos do reinado de Luiz XVI foi que um religioso francez, o padre Charlevoix que por muito tempo viveu na America, observou a elasticidade da resina «gumana» e, chamando para ella a attenção dos competentes, perguntava se não seria possivel dar-lhe alguma applicação util. Poucos annos depois outro francez, o astrónomo La Condamine, teve oportunidade de permanecer por muito tempo em Quito, procedendo a estudos sobre a espheroicidade da terra. Em 1736, enviou elle á Academia de Sciencias de Paris um fragmento de gomma resinosa, quasi negra, que, dizia, os indigenas da America Central chamavam «cautchouc», e que nada mais era que a «gumana» do padre Charlevoix. A remessa era acom-

panhada de uma carta onde La Condamine enumerava os serviços que o caoutchouc pode prestar.

«Elles (os indigenas) servem-se d'elle para fazer tochas que ardem com facilidade sem mecha, e para preparar um corpo com que cobrem as vestes e o calçado, tornando-os impermeaveis. Elles também se servem d'essa substancia para fabricar pequenas garrafas, em fórma de péra, nas quaes adaptam um gargalo de madeira: basta exercer, com a palma da mão, ligeira pressão sobre o appparelho, para que o liquido n'elle contido se escape com força».

O sr. William Ivins, que ha tempo publicou uma importante monographia sobre o «caoutchouc», refere-se a essa comunicação de



No Velodromo de Palhavá
Festa da Escola Academica
a favor das victimas do terramoto
do Ribatejo

O alumno que mais se distinguio em todas as provas tendo ao collo o alumno Victor da Silva, o pequeno Raku, como lhe chamam na Escola.



No Velodromo de Palhavá
Festa da Escola Academica a favor das victimas do terramoto do Ribatejo
Assalto de pau dirigido pelo professor Arthur dos Santos

La Condamine elogiando sem reserva os dois francezes cujo espirito de observação poz em luz as principaes propriedades do «caoutchouc» e os fez antever, até certo ponto, a importancia de seus empregos futuros. O padre Charlevoix e o astrónomo La Condamine devem, em sua opinião, ser considerados como os verdadeiros inventores do «caoutchouc».

Em 1770, Prissetley estudou-lhe a composição chimica, e por acaso descobriu que os traços negros feitos no papel por um lapis de graphire podiam ser apagados com a maior facilidade, graças ao «caoutchouc». Foi esta a primeira applicação industrial do producto exótico e dentro em pouco todos os desenhistas substituíam a pequena bolinha de miolo de pão por um fragmento da nova gomma. Em 1823 o inglez Mac-Intosh, procurando um dissolvente pratico do «caoutchouc», teve a feliz idéa de empregar a benzina, e a industria das vestimentas impermeaveis adquiriu desde logo desenvolvimento e prosperidade extraordinarias. Em 1838 o chimico americano Charles Goolvear imaginou a vulcanisação, isto é determinou em que condições physicas e em que temperatura deve ser feita a combinação do «caoutchouc» com o enxôfre, de modo a formar um producto que não seja quebradiço nem viscoso, qualquer que seja o grau de calor ou de frio; elle descobriu ainda os meios de variar, segundo o processo empregado, a dureza e elasticidade do producto vulcanisado. Graças a essas descobertas, adquiriu o «caoutchouc» na industria o papel immenso que todos conhecemos.

«A rigor, diz o sr. William Ivins, poderíamos dispensar as vestimentas e calçados impermeaveis, mas se não tivessemos mais o «caoutchouc», seria preciso renunciar aos freios do ar comprimido e a vida dos passageiros de estradas de ferro ficaria exposta a maior numero de perigos. O desaparecimento d'esta maravilhosa substancia seria muito mais desas-



No Velodromo de Palhavã
Festa da Escola Academica, a favor das victimas do terramoto do Ribatejo
Corrida de cyclistas

Coisas que geralmente se ignoram

— Algumas abelhas da India só de noite é que saem a sugar as flores.

— Na China, o melhor chá vale, quando muito, dois tostões o kilogramma.

— As bebidas frias ou quentes facilitam a digestão estimulando o estomago. As bebidas mornas não são recomendaveis.

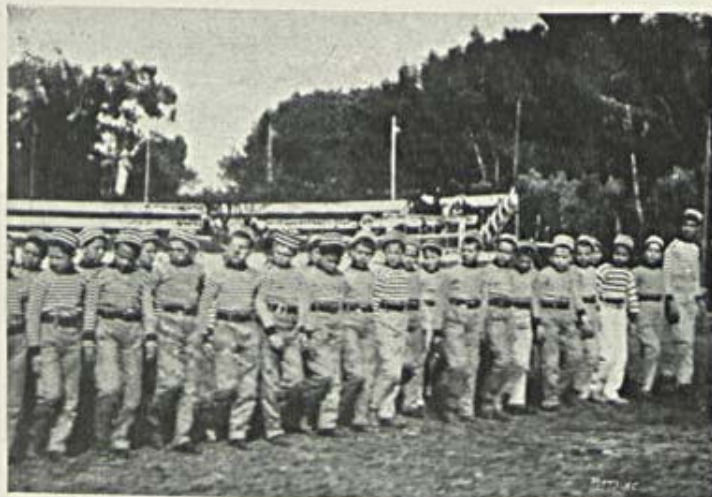
— A pelle dos humanos, que vivem nas regiões tropicaes, é mais espessa do que a dos habitantes dos paizes frios ou temperados.

— Na Groenlandia, a fita de atar os cabellos é azul para as solteiras, verde para as casadas e encarnada para as viúvas.

— Os ovos frescos e o leite tomam facilmente o cheiro das substancias que estejam na sua proximidade.

— As botinas de pelle de cabrito, molhadas, devem ser esfregadas fortemente com uma flanela embebida em oleo; d'outro modo, a pelle, depois de secca, torna-se dura e quebradiça.

— Um orthopedista inglez calcula que 100.000 dos seus compatriotas são privados de uma perna ou de ambas, em consequencia de desastres. Em Portugal o numero de estropiados é superior a 500.000.



No Velodromo de Palhavã
Festa da Escola Academica a favor das victimas do terramoto do Ribatejo
Os alumnos desfilando em frente da tribuna real

troso ainda para a industria de bicycletta e para a dos automoveis, que, privados de pneumáticos, ficariam immobilizados e incapazes de lutar ainda com o mais vagaroso vehiculo. Finalmente, esse duplo desastre nada seria ao lado da perturbação universal que affectaria todas as condições da existencia, as mais essenciaes, dos povos civilizados, se as comunicações electricas fossem definitivamente interrompidas sobre toda a superficie da terra. Desappareceriam os despachos telegraphicos por fio aereo e por cabo submarino, os telephones, a luz electrica, a transmissão a grande distancia da força produzida pelas quedas d'agua, tudo desappareceria se a substancia isolante por excellencia, que permite ás correntes circularem sem perder sua força, viesse a faltar completamente, ou pelo menos se não fosse produzida em sufficiente quantidade para poder ser adquirida por preços commodos pela industria.

Esperemos que não se realice essa perigosa eventualidade, apesar do criminoso desleixo com que é feita a colheita do «caoutchouc» nas florestas do Amazonas e do Congo. E' forçoso ir, desde já, cuidando d'este assumpto, que tão de perto nos interessa; os inglezes, em Ceylão, e os francezes no centro da Africa, procuram regulamentar essa colheita, e, naturalmente, se tornarão, cedo ou tarde, nossos rivaes. Não é facil prever a quem caberá a victoria, se os poderes publicos do nosso paiz continuarem na mesma indifferença sobre o assumpto em que teem permanecido até hoje.»



Dr. Antonio Emilio D'Almeida Azevedo
O actual Juiz de Instrucção Criminal

Uma senhora, fallando de seu marido, alto funcionario, dizia:
— Como funcionario é um bom marido, mas como marido é um pessimo funcionario.



Visconde do Rio Sado

† a 7 de junho de 1909

Era na sociedade de Lisboa uma das individualidades mais características. De um bom humor inalterável, de uma bondade nata, coração aberto, mãos estendidas para todos, sem querer saber da humildade do nascimento ou dos precalços da fortuna d'aquelles que ou appellavam para a sua bondade, ou se lhe dirigiam como amigos, o visconde do Rio Sado era em todas as classes igualmente considerado e bem-quisto.

Não obstante os altos cargos que occupou desde os vinte annos, já formado em direito, governador civil, secretario geral, deputado, vereador, juiz de direito, não obstante ter, a constellar-lhe o peito, condecorações portuguezas e estrangeiras, aparentado com algumas das familias mais illustres, o visconde do Rio Sado era uma figura popular. Por igual o consideravam e lhe queriam os que na hierarchia social occupam os primeiros postos e os reprobos da sorte, sem excluir aquelles que em nome da lei o juiz condemnára a penas severas; de uns e de outros se lembrou no seu testamento, e é de notar a preocupação que n'esse documento se revela de que no dia em que o corpo fosse lançado á terra fossem contemplados os encarcerados das enxovias com donativos e refeições melhoradas. Que nos conste, é o primeiro legado n'este genero que se tem feito, e essa recommendação como aquella não menos original em que o testador pede á velha creada que trate bem os cães, que sempre foram seus amigos como já o haviam sido de sua mulher, provam ao mesmo tempo a excentricidade de um espirito bizarro e a superioridade de um coração bem dotado.

A' dor que sentiram muitos centenares de pessoas pela morte do visconde do Rio Sado, do coração se associa o Brasil-Portugal.

Como os antigos fidalgos ensinavam os príncipes

Corria o anno de 1578.

O reino andava todo revoltado e preocupado com os aprestos militares que o moço rei D. Sebastião mandava fazer para a sua louca empreza de Africa.

Nunca se planeára no nosso paiz uma guerra mais impopular do que esta.

Apesar de ter sido acostumada a nação, desde os principios do seculo xv, a entoar hymnos ás victorias das suas armas nas terras de Africa, não obstante ter alli arvorada a sua bandeira sobre tantas praças fortes, toda a gente, com rarissimas excepções, via com maus olhos os custosos armamentos que se faziam, ruinosos para a fazenda publica e para a industria do paiz; via com verdadeiro desgosto activarem-se os preparativos para a jornada de el-rei, sendo bem notorias a sua imprudencia e temeridade.

E sobretudo o que mais desgostava e preocupava a todos, era a ideia de que esse joven soberano ia correr aventuras cheias de perigos e tão longe do reino, sem deixar n'elle assegurada a successão da sua corôa, tão ambicionada já pelo poderoso monarcha de Castella.

Murmuravam o povo, o clero e a nobreza, mas poucos homens se

atrevião a contrariar a vontade de el-rei, que não attendia a considerações de especie alguma tendentes a desviá-lo dos seus propósitos guerreiros.

Alguns fidalgos mais zelosos dos interesses publicos, representavam ao soberano os inconvenientes d'aquella campanha, e outros menos ousados limitavam-se a apontar as deficiencias nos apercebimentos para tão arriscada e importante expedição, mas D. Sebastião respondia com desabrimiento, e ás vezes até com palavras offensivas aos que pretendiam aconselhá-lo, apesar d'elle ter instituido o conselho de estado, que era composto das pessoas mais auctorizadas do reino.

Um d'estes conselheiros era D. João de Mascarenhas, o heroe da India e o valoroso defensor de Diu, que dispunha de largo conhecimento dos negocios do Estado e das coisas da guerra, que só se adquire em longa pratica e é apanagio da idade avançada.

Não lhe soffrendo o animo que o rei expuzesse a vida e o futuro da patria aos azares de uma campanha tão levemente emprehendida, resolveu-se a falar a el-rei n'este assumpto com toda a franqueza, quer lhe agradasse, quer não.

E assim o fez, expondo-lhe com toda a verdade os perigos e o pouco exito da expedição.

D. Sebastião ouviu-o sem o interromper, mas com manifestos signaes de impaciencia e por fim perguntou-lhe, com modo aspero e secco, quantos annos tinha.

— Tenho vinte e cinco para vos servir, e oitenta para vos aconselhar, e para merecer ser ouvido!

N'esta breve resposta deu o velho guerreiro uma severa lição ao monarcha dementado e temerario, que em breve ia sepultar a corôa e o reino nos areaes de Alcaçer-Kibir.



Elysio Mendes

† a 6 de junho de 1909

Na Figueira da Foz succumbiu a uma doença prolongada um homem que não era já moço, mas que ainda não era velho, e que marcou lugar no mundo do sport e no do jornalismo.

Elysio Mendes fundou a Gazeta de Noticias do Rio de Janeiro e outros jornaes e escreveu sobre automobilismo o melhor que se escreveu em Portugal. Para justificar a asserção que acima fazemos estes dois factos bastam. Viajou muito, mais de uma vez deu a volta ao mundo, era um exemplarissimo chefe de familia, e, abastado como industrial e proprietario, ainda a fortuna e o tempo lhe sobejavam para obras de verdadeiro altruismo e para serviços valiosos na propaganda do paiz.

Que o diga a Sociedade Propaganda de Portugal que lhe mereceu sempre um culto desvelado e em cujos corpos gerentes elle assignalou a sua passagem com rasgados actos de iniciativa individual.

THEATROS

D. Amélia, Rita Sacchetto. — Trindade, A viuva alegre. Rua dos Condes, O sol dos Navegantes. — Avenida, Jardim da Europa

Com a entrada do verão cerraram as suas portas quasi todos os theatros de Lisboa. Abertos ao publico estão apenas os que encimam estas folhas.

Rita Sacchetto, que foi a ultima a despedir-se, deixou em todos que nas ultimas noites frequentaram o theatro **D. Amélia** impressões fundas e vivas saudades.

E' que essa elegante e gentil rapariga é nas suas danças ora graves, ora graciosas, ora petulantes, e sempre admiraveis, a evocadora por excellencia de épocas, e de costumes, que ella brilhantemente faz reviver. As grandes personagens da historia vivem na sua idealisação, porque esta bailarina eminente é bem mais que uma bailarina, é uma actriz consummada, cujo olhar, cujos gestos, cujos meneios, cujos sorrisos, cuja idealidade nos suggere a realidade como ella deve ter sido.

Da sua elegancia, da sua arte de vestir, da sua maneira original de nos suggestionar pela dança resulta o enthusiasmo que ella pro-

duz, e que lhe cria ovações em toda a parte, não sendo das menos calorosas aquellas que lhe tributou o publico de Lisboa.

Na **Trindade** continúa a *Viuva alegre* sendo a peça de resistencia. Não sentiu ainda a empresa a necessidade de pôr outra em scena, nem d'isso precisa enquanto o publico continuar a encher todas as noites a elegante sala do theatro.

O *Sol dos navegantes*, a espirituosa revista de Baptista Diniz, em tres actos e nove quadros, com musica do maestro Luz Junior, entrou na **Rua dos Condes** com o pé direito. Tem scenas de um picaresco suggestivo e imprevisito, e ditos algo frescos, o que é proprio da época actual.

Não ha duvida que no campo da *piada theatral*, da carapuça bem posta, da carta com sobrescripto, e na perfeição do *modus faciendi*, é Baptista Diniz o mestre consagrado. A sua revista tem graça, tem novidade, tem laracha para todos os gostos, e originalidade para todos os paladares. E o que ella tem sobretudo é uma riqueza e exuberancia de scenario e guarda-roupa que não costumam ser moeda corrente nos nossos theatros populares. Graças aos scenographos Augusto Pina, Salvador, Viegas e Reis, uma boa parte do exito alcançado pelo *Sol dos navegantes* deve-se ás scenographias magnificas da peça e especialmente ás que fecham os tres actos.

A musica tem trechos felizes, e o desempenho, a começar por Joaquim de Almeida, que reproduz com a sua arte e o seu talento o *Sol dos navegantes*, por signal já bastante escangalhado, e a continuar em Carlos Leal, o *compère*, Raphaela Fons, e ainda a outros artistas, não deixa a desejar n'aquelle genero theatral.

Baptista Diniz, os interpretes, e outros collaboradores da sua obra, receberam duas vezes em cada noite justos e repetidos applausos do publico.

Está em scena no **Avenida** a revista de Raposo de Oliveira, musica de Del-Negro e Calderon *O Jardim da Europa*.

O auctor, poeta de merito, mas novato n'aquelle genero, tropeça aqui e alli com obstaculos, que se esforça por vencer. Esse esforço reconhece-se; não obstante tem a revista algumas scenas de valor, *tiradas* de effeito, allusões picantes e ditos espirituosos. A musica agradou em geral, e as honras do desempenho cabem a Alvaro Cabral, Setta da Silva, Elvira Mendes, Amelia Pereira e Santos Mello.

Os figurinos de Augusto Pina são de um gosto *raffiné*, e as scenographias dão gloria aos nossos artistas, principalmente a Eduardo Reis, com justiça ovacionado pelo publico na scena final — a apothese ao trabalho, — que representa valor, engenho e arte.

RUA DOS CONDES. — O Sol dos Navegantes



2.º acto



(Cenário de A. C. Lima).

Apolheose do marechal Saldanha